



## UMA ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS PLURALISTAS PRESENTES NO FILME “AS AVENTURAS DE PI”

Gabriel Giroto Lauter<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo é feita uma análise do filme “As Aventuras de Pi” buscando-se apresentar uma visão acerca dos princípios do pluralismo religioso presentes no mesmo. Inicia-se com uma breve explanação sobre os princípios do pluralismo religioso, incluindo ideias relacionadas ao conhecimento do Divino conforme apresentado por teólogos como John Hick, Paul Knitter e Raimon Pannikar. A seguir, é apresentado o enredo do filme relacionando-o com os princípios previamente apresentados. Por fim, destaca-se a influência destes princípios no pensamento atual e a necessidade de uma reflexão sobre qual deve ser o posicionamento cristão frente a essa realidade.

**Palavras-chave:** Pluralismo Religioso. Cultura. Cristianismo.

**Abstract:** This paper analyzes the film "The Adventures of Pi" trying to show an overview of the principles of religious pluralism presented on the film. It begins with a brief explanation of the principles of religious pluralism, including ideas related to knowledge of the Divine as presented by theologians such as John Hick, Paul Knitter and Raimon Pannikar. Then, it relates the film's plot to the principles previously presented. Finally, demonstrates the influence of these principles in current thinking and the need of a reflection about what should be the Christian positioning in face of this reality.

**Keywords:** Religious Pluralism. Culture. Christianity.

### Uma breve introdução ao pluralismo religioso

A pluralidade religiosa é um fenômeno incontestável da sociedade atual. A América Latina, por exemplo, ainda que se caracterize por uma maioria católica, possui uma elasticidade religiosa tamanha que um “mapeamento do sagrado” torna-se praticamente impossível.<sup>2</sup> Embora o fenômeno da pluralidade religiosa tenha sido constante na história da humanidade, ele se intensificou muito nos últimos anos, especialmente devido ao fenômeno da globalização, caracterizado pela melhora nos transportes, comunicações e aumento da

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (FBP) e mestrando em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP) e atua como Coordenador de Extensão na FBP. E-mail: gabriel@batistapioneira.edu.br.

<sup>2</sup> SOUZA, Sandra Duarte. Pluralismo Religioso: Uma introdução ao tema. *Via Teológica*. Curitiba: FTBP, 2006. n. 14, v. 2, dez./2006. p. 33.

migração.<sup>3</sup> Atualmente, não é mais possível fugir da pluralidade religiosa, pois ela tornou-se um fato incontestável na sociedade.

Nesse contexto de religiosidade plural, surge o chamado “pluralismo religioso de princípio”. Tal compreensão de pluralismo religioso constitui o foco deste artigo. Trata-se da ideia de que a pluralidade religiosa não somente é uma realidade, mas também é benéfica, e que cada religião é preciosa, possuindo em si traços de dignidade e valor.<sup>4</sup>

Nas palavras de Teixeira,

O reconhecimento teológico do valor do pluralismo religioso implica a assunção de uma nova perspectiva teológica, capaz de reconhecer o significado positivo das diversas religiões no plano da salvação. Neste limiar do terceiro milênio contata-se não apenas a vitalidade das grandes tradições religiosas, mas igualmente a consciência da particularidade histórica do cristianismo.<sup>5</sup>

Segundo a perspectiva do pluralismo religioso, não é possível que uma religião apresente-se frente as demais como sendo superior ou a “única religião verdadeira”. Todas as religiões encontram-se no mesmo patamar, sendo reflexos da realidade divina que excede a todas elas.

John Hick, um dos principais defensores do pluralismo religioso, afirma que as diferentes “imagens” da realidade divina são formadas pelas diferentes religiões e que elas não devem ser confundidas com a realidade divina em si, pois nenhuma representa a realidade divina com perfeição. Embora diferentes, as doutrinas com relação a realidade divina apresentadas pelas religiões não são necessariamente contraditórias, mas apenas expressam diferentes perspectivas, cada uma conforme a cultura na qual foi formada.<sup>6</sup>

Paul Knitter é outro teólogo que defende o pluralismo religioso. Em seu livro “Introdução às Teologias da Religiões”, Knitter apresenta cinco formas diferentes de se lidar com a pluralidade religiosa. Trata-se de diferentes teologias do pluralismo religioso. Knitter defende que, além da pluralidade religiosa ser algo positivo, a existência de diferentes

---

<sup>3</sup> VIGIL, José Maria. *Desafios de la teologia del pluralismo religioso a la fe tradicional*. Horizonte. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2005. v. 4, n. 7, dez./2005. p. 32.

<sup>4</sup> TEIXEIRA, Faustino. Pluralismo Religioso. *Horizonte*. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2005. v. 3, n. 6, 1º sem. 2005. p. 30.

<sup>5</sup> TEIXEIRA, Faustino. A experiência de Deus nas religiões. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora: UFJF, 2000. v. 3, n. 1, 1. sem./2000. p. 113.

<sup>6</sup> HICK, John. *Is Christianity the only true religion, or one among others?* 2001. Disponível em <http://www.johnhick.org.uk/jsite/index.php/articles-by-john-hick/16-is-christianity-the-only-true-religion-or-one-among-others>. Acesso em 10 ago 2014.

formas de se lidar com a pluralidade religiosa também pode ser vista como algo benéfico e enriquecedor.<sup>7</sup>

Além de Hick e Knitter, Raimon Panikkar também um teólogo de destaque no que se refere ao pluralismo religioso. A posição bastante particular de Panikkar pode ser compreendida através do artigo de Sinner, onde ele escreve:

Em que, então, consiste a particularidade da posição de Panikkar? Fica bastante claro se recorrermos a uma metáfora comum no pensamento pluralista. Segundo muitos pensadores desta linha, as religiões seriam como uma multidão de rios que confluiriam no mesmo mar. Panikkar também faz uso da imagem dos rios, falando do Jordão, do Tibre e do Ganges, sendo estas metáforas para três tipos de religiões: judaísmo, cristianismo e as religiões indianas, aqui representando também todas as outras. Sem entrar em detalhes, destaco sua diferença para com os outros pluralistas: estes rios não se encontram num mesmo mar, mas nas nuvens, após terem evaporado, de onde irão fecundar novamente a terra como chuva que regenera.<sup>8</sup>

Sinner explica ainda que, conforme Panikkar, cada religião é “completa em si e diferente da outra”. Assim, ele se opõe “a qualquer tentativa de uma religião mundial”.<sup>9</sup> Panikkar afirma que a verdadeira pluralidade encontra-se em perceber que há diferentes respostas mutuamente incompatíveis, mas cujas verdades não podem ser negadas. Assim, ele reconhece que o pluralismo religioso é algo que desafia a própria lógica racional.<sup>10</sup>

Cabe ainda destacar que o pluralismo religioso é uma característica marcante da pós-modernidade, pois sua posição frente a qualquer absolutismo com relação ao conhecimento da verdade encontra-se em consonância com os ideais pós-modernos de negação das metanarrativas.<sup>11</sup> No pensamento pós-moderno, todo e qualquer sistema religioso constitui-se de um conjunto de meta-narrativas que, embora tenha seu valor dentro do seu contexto, não poderia ser assumido como referencial absoluto para todas as pessoas.

<sup>7</sup> KNITTER, Paul F. *Introdução às Teologias das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008. 396 p.

<sup>8</sup> SINNER, Rudolf Eduard von. Diálogo Inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. In: *Cadernos de Teologia Pública*. n. 9. UNISINOS, 2004. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/009cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em 25/07/2014.

<sup>9</sup> SINNER, 2004

<sup>10</sup> PANIKKAR, Raimon. On Christian Identity: Who Is a Christian? In: CORNILLE, Catherine (Ed.). *Many mansions? multiple religious belonging and Christian identity*. Maryknoll: Orbis, 2002. p. 122

<sup>11</sup> ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 49

Após essa breve introdução ao pluralismo religioso, será feita a análise do filme “As aventuras de Pi”, buscando-se relacionar os princípios apresentados com a história apresentada no filme.

### **Análise do filme**

O longa-metragem “As aventuras de Pi”, dirigido por Ang Lee, foi produzido nos Estados Unidos da América no ano de 2012 e estreou no Brasil em dezembro do mesmo ano. Tendo o título original “*The life of Pi*”, teve seu roteiro baseado em um livro homônimo escrito por Yann Martell em 2001. No ano de 2013, “As aventuras de Pi” recebeu onze indicações para o Oscar e venceu em quatro das categorias disputadas.

O filme conta a história de Piscine Molitor Patel, também chamado pelo apelido “Pi”. Trata-se de um jovem cuja família administra um zoológico em Pondicherry, uma parte francesa da Índia. A história se desenvolve a partir do encontro de Pi, já adulto, com um escritor canadense. Nesse encontro, Pi relata a história de sua vida. Logo percebe-se que a história de Pi é repleta de detalhes inacreditáveis.

No diálogo entre Pi e o escritor canadense, percebe-se que o escritor deseja escrever um romance e que decidiu pesquisar a história de Pi depois de ter sido informado que ele teria uma história que o faria acreditar em Deus. Pi diz que pode lhe contar sua história, mas que o escritor teria que decidir por si só em que acreditar. Pi explica que ele é um católico hindu, pois foi primeiramente apresentado a Deus através de Krishna. Pi afirma que existem milhões de deuses no hinduísmo e cita alguns deles. Nesse momento, o filme mostra o pai de Pi o alertando que “a religião é escuridão”. O pai de Pi é apresentado como alguém puramente racional, que confia apenas na ciência.

Pi foi apresentado a Cristo quando tinha 14 anos após ter sido desafiado a ir até uma igreja católica e beber a “água benta”. Ao cumprir o desafio, Pi teve um encontro com um padre católico que lhe falou a respeito de Cristo. Pi, então, passou a crer em Cristo sem abrir mão de sua antiga fé. O filme mostra ele orando e agradecendo a Vishnu, um deus hindu, por lhe ter apresentado a Cristo.

Em seguida, Pi afirma que foi novamente apresentado a Deus, agora pelo nome de Allah, e assim tornou-se também muçulmano. O pai e o irmão de Pi o satirizam por seguir três religiões diferentes ao mesmo tempo. Segundo seu pai, acreditar em tudo ao mesmo

tempo é o mesmo que não acreditar em nada. No diálogo com o escritor canadense, Pi afirma que a fé é uma casa com muitos quartos.

Percebe-se claramente como os princípios do pluralismo religioso encontra-se presentes no enredo do filme. O personagem principal não somente convive com a pluralidade religiosa, como também defende a possibilidade de uma participação simultânea em diferentes religiões. Tal possibilidade de múltiplo pertencimento é citada, por exemplo, em um artigo de Dupuis.<sup>12</sup>

Em seguida, Pi começa a contar a história do tigre chamado Richard Parker, que vivia no zoológico de seu pai. Pi arrisca sua vida ao tentar alimentar o tigre, mas é impedido por seu Pai. Depois disso, o pai permite que uma cabra seja morta pelo tigre em frente a Pi. Ao ver a cena de violência, a vida de Pi muda. Ele afirma que o mundo perdeu parte do seu encanto a vida tornou-se mais repetitiva e sem sentido.

É então que Pi conhece Anandi, uma moça por quem se apaixona. Quando eles estão começando a desenvolver um sentimento um pelo outro, o pai de Pi informa que eles terão que mudar-se para o Canadá. Pi relata a história de sua viagem e conta como o navio cargueiro japonês afundou enquanto eles viajavam em direção ao Canadá.

A família de Pi morre e ele se salva em um bote salva-vidas onde estão uma hiena e uma zebra. Depois, chegam também ao bote o tigre Richard Parker e um orangotango fêmea. Ocorre um conflito e a hiena ataca e mata a zebra. Pi assiste a cena sem poder fazer nada para impedir. No dia seguinte, a hiena também ataca e mata o orangotango. Quando Pi é tomado por fúria, surge o tigre Richard Parker, que também se encontrava no bote, e mata a hiena. Restam somente Pi e o tigre. Pi fica com medo do tigre e retira-se do barco para uma balsa improvisada que ele havia providenciado.

Pi passa a enfrentar vários perigos e desafios para sobreviver. Ele começa a perceber que logo o tigre ficará com fome e que sua vida corre perigo. Por isso, esforça-se também para pescar e poder alimentar o tigre, com o propósito de salvar sua vida. Em um determinado momento, Pi luta com o tigre por um peixe e vence. Ao perceber que fora derrotado, o tigre permite que Pi fique com o alimento. Pi entende que a situação não poderia continuar dessa maneira e que ele não poderia arriscar sua vida sempre que precisasse de alimento. Assim, passa a tentar domar o tigre. Ele diz “talvez um tigre não

---

<sup>12</sup> DUPUIS, 2002, p. 62.

possa ser domado, mas se Deus quiser ele pode ser treinado”. Assim, Pi passa a exercer controle sobre o tigre.

Nesse momento, Pi visualiza um navio e essa parece ser sua oportunidade de sobreviver. Entretanto, o navio passa e não os vê. Após passar por um período muito difícil, deprimido e com poucas esperanças de sobreviver, Pi encontra-se em meio a uma tempestade. Ali, perde seu manual de sobrevivência, vive um momento de epifania e louva a Deus. Chama por Richard Parker para presenciar esse momento, mas Richard Parker não o atende. O tigre, ao contrário, encontra-se assustado.

Após sobreviver a tempestade, Pi fica extremamente debilitado pela fome, até que ambos chegam a uma ilha. Na ilha, Pi encontra alimento e a noite sobe nas árvores para dormir. Nesse momento ele percebe que a ilha era carnívora e que não poderá permanecer para sempre ali, mesmo que tenha que morrer tentando retornar para a civilização. Pi viu aquela ilha como um sinal de Deus para que continuasse sua jornada.

Depois disso, Pi consegue chegar ao México. Na praia, o tigre Richard Parker o abandona sem se despedir. Pi é encontrado por alguns homens e levado a um hospital. Embora tenha sobrevivido, Pi está triste pela forma como o tigre o abandonou. No fim, ele percebe que o tigre jamais o vira como um amigo, mas também acredita que o que ele via nos olhos de Richard Parker era mais do que um reflexo de seus sentimentos, mesmo que não tenha como provar isso. Pi entendeu que a vida é um ato de desapego e que o que mais dói é não ter conseguido se despedir das coisas que deixou para trás.

Até o momento, o espectador poderia concluir que a história apresentada por Pi é verdadeira, ainda que contenha traços inacreditáveis. É nesse momento que o filme apresenta uma mudança de rumo totalmente inesperada. Pi conta que a empresa japonesa responsável pelo navio enviou dois homens para investigar do naufrágio. Pi relata sua história para os homens, mas eles não acreditam na história relatada por ele. Os homens desejam saber o motivo pelo qual o navio afundou. Os homens pedem para Pi por uma história simples que todos possam entender. Pedem que ele conte a verdade.

Então, Pi lhes dá outro relato. Ele afirma que quatro pessoas sobreviveram ao naufrágio. O cozinheiro e um marinheiro estavam a bordo do bote. Ao vê-lo no mar, o cozinheiro jogou uma boia para Pi trazendo-o para o bote. Posteriormente, sua mãe também conseguiu chegar ao bote. O marinheiro havia quebrado sua perna e o ferimento infeccionou. Então, o cozinheiro convenceu aos demais que era necessário amputar a perna

do marinheiro que acabou morrendo. O cozinheiro passou a usar a carne do homem morto para pescar. Isso deixou a mãe de Pi muito brava. Ambos brigaram. Pi dá a entender que o cozinheiro, além de usar a carne do marinheiro como isca, também a secou no sol e passou a comê-la. Dias depois, o cozinheiro tem uma briga com Pi. Ao tentar ajudá-lo, a mãe de Pi acaba sendo morta pelo cozinheiro. Pi sente-se culpado pela morte da mãe. No outro dia, Pi matou o cozinheiro e assim ficou sozinho no bote, a deriva no oceano Pacífico. Depois de muito tempo, chegou a praia onde foi resgatado.

O escritor canadense relaciona as duas histórias, perguntando se a zebra é o marinheiro que quebrou a perna, a hiena é o cozinheiro, a mãe de Pi é o orangotango fêmea e Pi é o tigre. Depois disso, Pi lhe diz que contou duas histórias, nenhuma explica qual o motivo do naufrágio, e ninguém pode provar qual história é verdadeira. Nas duas histórias o navio afunda, a família de Pi morre e ele sofre. Pi pergunta qual história o escritor prefere. O escritor responde que prefere a história do tigre, dizendo que essa é a melhor história. Pi agradece e diz que “assim também é com Deus”.

Nesse momento fica claro o princípio por trás do enredo. O filme desafia a possibilidade de se conhecer a realidade. Como foi relatado, segundo Pi, não há como provar qual das histórias é verdadeira. A escolha de qual história acreditar é uma opção individual. Quando Pi relaciona essa escolha com Deus, entende-se que o mesmo poderia ocorrer com relação ao conhecimento de Deus. Cada religião seria uma “história”. Embora diferentes, todas apontam para a mesma realidade última, mas nenhuma delas é capaz de expressar a plenitude da realidade com perfeição. Cada indivíduo teria a liberdade de escolher em que história acreditar. A própria experiência religiosa de Pi mostra que ele não tinha dificuldade em crer em todas as religiões ao mesmo tempo. Pi vive uma religiosidade totalmente pluralista, e assim também é sua maneira de encarar a realidade da vida.

O pensamento puramente racional de seu pai pode ser comparado com a história que Pi contou aos funcionários da empresa. Trata-se da realidade da vida de uma maneira fria, que revela as características brutais do ser humano e não atribuir significado algum para o sofrimento. Entretanto, Pi prefere o outro relato, permeado de fantasia, que pode ser comparado com o relato da vida segundo as diferentes tradições religiosas.

Nesse momento da história, o escritor canadense esboça um sorriso, diz que a história é realmente maravilhosa e pede permissão para publicá-la. Então, chega a esposa de Pi e ele convida o escritor para o jantar. Quando Pi sai para receber a esposa, o escritor vê

que a história que foi registrada foi a história do tigre. O escritor fica feliz com isso. O filme termina com uma cena da família de Pi reunida, seguida por outra em que aparece o jovem Pi no bote e o tigre entrando na selva.

### Considerações finais

O filme aborda uma questão bastante atual no contexto da pós-modernidade. Através de uma história de sobrevivência que inclui elementos como dor, sofrimento, crueldade e esperança, o filme leva o espectador a refletir sobre o comportamento humano, o sentido da vida e a possibilidade de se conhecer a realidade última de forma objetiva.

Ainda que nem todos os espectadores percebam o verdadeiro significado por trás do drama, o filme possui um pano de fundo bastante filosófico e instiga a reflexão acerca de temas muito profundos. Tratando-se especificamente do contexto cristão, torna-se inevitável o questionamento se a experiência religiosa cristã, conforme os princípios apresentados na Bíblia, seria compatível com a experiência do personagem principal do filme.

Afinal, pode-se aceitar a revelação de Cristo conforme a Bíblia ao mesmo tempo em que se aceita a revelação de outras religiões? Qual o significado de salvação dentro do contexto religioso e qual o papel de Cristo no processo de salvação? Entende-se que tais possam ser objeto para estudos subsequentes que poderão contribuir para um enriquecimento do entendimento do significado de ser “cristão” em meio a sociedade pós-moderna atual.

### Referências

DUPUIS, Jacques. Christianity and Religions: Complementary and Convergence. In: CORNILLE, Catherine (Ed.). *Many mansions? multiple religious belonging and Christian identity*. Maryknoll: Orbis, 2002. p. 61-75.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. 100 p.

HICK, John. *Is Christianity the only true religion, or one among others?* 2001. Disponível em <http://www.johnhick.org.uk/jsite/index.php/articles-by-john-hick/16-is-christianity-the-only-true-religion-or-one-among-others>. Acesso em 10/08/2014.

KNITTER, Paul F. *Introdução às Teologias das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008. 396 p.

PANIKKAR, Raimon. On Christian Identity: Who Is a Christian? In: CORNILLE, Catherine (Ed.). *Many mansions? multiple religious belonging and Christian identity*. Maryknoll: Orbis, 2002. p. 121-144.

SINNER, Rudolf Eduard von. Diálogo Inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. *Cadernos de Teologia Pública*. n. 9. UNISINOS, 2004. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/009cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em 25/07/2014.

SOUZA, Sandra Duarte. Pluralismo Religioso: Uma introdução ao tema. *Via Teológica*. Curitiba: FTBP, 2006. n. 14, v. 2, dez./2006.

TEIXEIRA, Faustino. A experiência de Deus nas religiões. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora: UFJF, 2000. v. 3, n. 1, 1. sem./2000. p. 111-148.

TEIXEIRA, Faustino. Pluralismo Religioso. *Horizonte*. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2005. v. 3, n. 6, 1º sem. 2005.

VIGIL, José Maria. Desafios de la teologia del pluralismo religioso a la fe tradicional. In: *Horizonte*. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2005. v. 4, n. 7, dez./2005. p. 30-50.